

Mulheres do Sul Global: empoderamento de mulheres refugiadas por meio da costura no Rio de Janeiro

Mulheres do Sul Global: empowerment of refugee women through sewing in Rio de Janeiro

Bárbara de Oliveira e Cruz¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3216-2111>

Rita Maria de Souza Couto²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7705-5304>

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v19i47.2020>

[resumo] É predominante, no setor da moda, um modelo de produção opressor priorizando o lucro, como reflexo do sistema capitalista. Muitos problemas, como más condições oferecidas aos trabalhadores e danos ao meio ambiente, são consequências desse padrão de produção. Em busca de uma forma de fazer roupa com mais engajamento social, desvinculada desse modelo vigente, as autoras conheceram grupos que praticam atividades de costura e artesanato no Rio de Janeiro. O artigo apresenta um desses grupos, o negócio de impacto social “Mulheres do Sul Global”: um ateliê de costura que acolhe, promove trabalho e gera renda para mulheres refugiadas na cidade. A análise do caso inspirou reflexões sobre as relações de trabalho e gênero no setor da moda, articulando-se a temas relevantes, como igualdade de gênero, divisão sexual do trabalho, racismo, valorização do trabalho manual e refúgio. O ateliê foi idealizado por Emanuela Pinheiro, a partir de seu encontro com mulheres congoleesas refugiadas. Na perspectiva apresentada no artigo, a atividade da costura assume um papel de transformação social. Contribui, ainda, para o empoderamento dessas mulheres ao promover a mudança de uma perspectiva hegemônica, desconstruindo a desvalorização simbólica e econômica do trabalho da costura.

[palavras-chave] **Moda. Mulheres do Sul Global. Engajamento social. Refugiadas. Costura.**

¹ Doutora em Design. PUC-Rio. E-mail: barbaradeoliveiraecruz@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1868483978255932>.

² Doutora em Design. PUC-Rio. E-mail: ricouto@puc-rio.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5874218092323774>.

[abstract] In the fashion sector, an oppressive production model that prioritizes profit predominates, reflecting the capitalist system. Many issues, such as poor working conditions and environmental damage, are consequences of this production pattern. In search of a way of producing clothing with greater social engagement, detached from this prevailing model, the authors identified groups engaged in sewing and craft activities in Rio de Janeiro. The article presents one of these groups, the social impact initiative “*Mulheres do Sul Global*”: a sewing atelier that welcomes, supports, and generates income for refugee women in the city. The analysis of the case inspired reflections on labor and gender relations in the fashion sector, engaging with relevant themes such as gender equality, the sexual division of labor, racism, the valorization of manual work, and refuge. The atelier was conceived by Emanuela Pinheiro following her encounter with Congolese refugee women. From the perspective presented in this article, sewing assumes a role of social transformation. It also contributes to the empowerment of these women by promoting a shift in hegemonic perspectives, challenging the symbolic and economic devaluation of sewing work.

[keywords] **Fashion. Mulheres do Sul Global. Social engagement. Refugees. Sewing.**

Recebido em: 05-01-2026.

Aprovado em: 11-06-2026.

Introdução

A análise do ateliê de costura Mulheres do Sul Global, formado por mulheres que buscaram refúgio no Rio de Janeiro, foi a motivação para refletirmos sobre as relações de trabalho e gênero no setor da moda, mais especificamente, na atividade de costura, e essas reflexões inspiraram a elaboração do presente artigo.

As autoras vêm se aprofundando no tema, buscando compreender os problemas do setor de produção de peças de vestuário, suas causas e possíveis soluções. A busca por caminhos alternativos para uma confecção de roupas com maior engajamento social tem sido a força motriz que impulsiona essa área de pesquisa.

Um modelo de produção opressor predomina no setor da moda, marcado pela terceirização intensiva e pela priorização do lucro. Esse padrão de produção tem causado problemas significativos, como as más condições oferecidas aos trabalhadores e os danos ao meio ambiente, refletindo um sistema capitalista voltado ao lucro e ao crescimento econômico. Diante desse cenário desfavorável, questiona-se se não há formas de confeccionar peças de vestuário com maior engajamento social, desvinculadas do modelo vigente.

O Brasil é o quinto maior produtor têxtil do mundo. A cadeia de confecção do país gera renda, direta e indiretamente, para oito milhões de pessoas, sendo 75% desses trabalhadores mulheres, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT), citados por Berlim (2015). Segundo Ditty (2015 *apud* Camargo, 2019, p. 25), “a produção artesanal é considerada a segunda maior empregadora nos países em desenvolvimento, contando com 34 milhões de artesãos somente na Índia. As mulheres representam a maioria das trabalhadoras e artesãs da indústria de confecção atualmente”.

O ateliê Mulheres do Sul Global foi fundado em 2017 por Emanuela Pinheiro. Conhecemos a iniciativa e começamos a buscar uma aproximação em 2019. A análise do caso do ateliê compôs o estudo de múltiplos casos da pesquisa de doutorado de uma das autoras do artigo.³ No entanto, apenas em 2020 conseguiu-se estabelecer um contato direto com a iniciativa, quando foi realizada uma entrevista com a idealizadora do ateliê. A entrevista aconteceu em formato virtual, por meio da plataforma *Google Meet*. Importante destacar que estávamos passando por um momento crítico com a pandemia da covid-19.⁴

Por se tratar de uma pesquisa de natureza aplicada, motivada pela necessidade de produzir conhecimento para aplicação de seus resultados, e por ser uma pesquisa social, o problema foi abordado de forma qualitativa, atingindo os objetivos por meio de pesquisa descritiva e exploratória. Devido ao momento crítico vivido, em decorrência da pandemia, não foi possível realizar um aprofundamento de campo com observação participante no ateliê. A análise do caso foi construída a partir da entrevista com a idealizadora Emanuela Pinheiro e aprofundada com a observação sistemática na rede social *Instagram*. A pesquisa bibliográfica e documental, realizada em artigos, sites e material audiovisual, foi importante para conhecer melhor tanto o trabalho desenvolvido pelo ateliê quanto o perfil das mulheres, uma vez que não foi possível realizar interação direta com as refugiadas, por meio de entrevistas e observações presenciais.

Motivadas pelo depoimento de Emanuela Pinheiro e inspiradas nas refugiadas do ateliê Mulheres do Sul Global, buscamos refletir sobre as relações de trabalho e gênero no setor da moda⁵, o que se configura como objetivo central deste artigo. Para complementar a reflexão, realizamos um aprofundamento bibliográfico por meio da leitura analítica de livros, artigos e documentos. A narrativa da entrevistada conduziu o desenvolvimento do artigo, reunindo reflexões que atravessam o tema, tais como: igualdade de gênero, divisão sexual do trabalho, racismo, valorização de trabalhos manuais e refúgio. Esses temas se manifestam de diferentes formas em distintas regiões e culturas.

Emanuela Pinheiro, Mulheres do Sul Global e reflexões sobre relações de trabalho e gênero na costura

Emanuela Pinheiro (2020) conceituou o ateliê alguns anos antes de inaugurá-lo, após uma experiência vivida na Índia. A entrevistada relatou em detalhes essa imersão, e foi a partir dessa intensa experiência que conheceu a produção têxtil e vivenciou situações relacionadas à desigualdade de gênero no local. No país, onde prevalece o sistema das

³ Na então pesquisa de doutorado, foram analisados quatro negócios sociais com atividades de artesanato e costura no Rio de Janeiro. Negócios sociais são empreendimentos que utilizam mecanismos de mercado, focando na minimização de desigualdades socioeconômicas, conciliando viabilidade econômica e impacto social. Podem constituir-se como empresas privadas ou instituições sem finalidade de lucro. Além do ateliê Mulheres do Sul Global, foram analisadas também as iniciativas Ecomoda, Rede Asta, e Pipa Social.

⁴ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade.

⁵ Entendemos que o caso analisado não se configura como um modelo tradicional de negócio no setor da moda. Entretanto, representa a costura, sendo a atividade central da produção de peças de vestuário.

castas⁶, a profissão das mulheres não é determinada por seus gostos ou habilidades, mas pela casta à qual pertencem. Apesar de ser do mesmo gênero, por pertencer a outra cultura, Emanuela tinha uma posição privilegiada em relação àquelas mulheres. Entendemos, dessa forma, a relevância de descrever essa experiência inspiradora da entrevistada, que se refletiu em uma estruturação de caráter biográfico do presente artigo.

Emanuela formou-se em Relações Internacionais e, após experiências no mercado corporativo, buscou crescimento profissional por meio do trabalho voluntário. Praticante da religião budista, escolheu a Índia, país conectado às suas práticas espirituais, para trilhar esse caminho (Pinheiro, 2020).

A *Light of Buddhadharma Foundation International* (LBDFI) foi a organização que a acolheu no país. A instituição promove peregrinações, desenvolve o circuito budista, educa monges e apoia publicações na área (LBDFI, 2020). Até participar de uma reunião da fundação com o Banco Mundial, ocorrida logo no primeiro dia em que chegou à Índia, Emanuela não sabia qual tarefa realizaria como voluntária. Na ocasião, foi proposto que a fundação executasse um roteiro de peregrinação espiritual na Índia, e a voluntária colaboraria com esse projeto. Junto a outros integrantes, ela percorreu esse roteiro, mapeando e levantando aspectos importantes da peregrinação, como hospedagem, infraestrutura etc. (Pinheiro, 2020). Nesta jornada, teve contato com uma cultura que desconhecia e visitou vilarejos onde a atividade econômica era a tecelagem primária. Esses locais integravam o roteiro da peregrinação espiritual, pois ali eram confeccionados os mantos utilizados pelos monges nas cerimônias budistas (Pinheiro, 2020).

Na Índia, Emanuela conheceu uma indústria têxtil a céu aberto, com costureiras que trabalham à beira da estrada, sem infraestrutura e muito menos direitos trabalhistas. Ela encontrou esse modelo de produção em Bihar, estado do norte da Índia, onde ocorrem graves problemas de violência contra as mulheres. A região enfrenta diversas ocorrências, como o elevado número de acidentes de atropelamento de crianças que brincam à beira da estrada enquanto suas mães costuram (Pinheiro, 2020).

Após dois meses de mapeamento, ficou hospedada em um mosteiro tibetano da *Light of Buddhadharma Foundation Internacional*. O local abrigava monges refugiados do Tibete, que haviam cruzado a fronteira da China com a Índia. Lá, eles aprendiam o idioma inglês e confeccionavam almofadas de meditação que eram exportadas para a Alemanha. Convivendo com os monges, Emanuela sensibilizou-se com a fragilidade dos refugiados (Pinheiro, 2020).

Durante a hospedagem no mosteiro, engajou-se nas atividades do ateliê, ajudando na elaboração de planilhas de controle de produção, colaborando na exportação das almofadas e aprendendo também a costurar. Observou, igualmente, nesse ambiente, a desigualdade de gênero presente na cultura indiana. Os alfaiates (ou costureiros) lideravam as atividades locais e exerciam essa função de forma autoritária, com atitudes, por vezes, violentas contra as funcionárias, que eram desvalorizadas e tinham poucos direitos naquela sociedade (Pinheiro, 2020). Nas palavras de Juliana Lima:

⁶ No sistema de castas da Índia, utilizam-se de critérios como religião e hereditariedade étnica para a formação de grupos sociais.

A imagem da Índia como templo global da espiritualidade aos poucos foi cedendo espaço para a realidade crua da sociedade local, com mulheres e crianças em situação de profunda vulnerabilidade, muitas vezes envolvidas em situações de violência generalizada e abuso (Lima, 2017).

Essa foi a primeira aproximação de Emanuela com a costura. Antes de iniciar o ateliê, ela também não tinha experiência com design, moda e tampouco com empresas de impacto social. A partir dessa vivência no mosteiro, Emanuela percebeu que a máquina de costura poderia representar um vetor de transformação social e decidiu, em meados de 2016, voltar ao Brasil para desenvolver um negócio ou projeto com a atividade de costura voltado a mulheres. A dimensão que faltava para completar o tripé de seu próximo empreendimento era o refúgio (Pinheiro, 2020).

Ao retornar ao Rio de Janeiro, Emanuela buscou o Pares Cáritas RJ (Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio Cáritas do Rio de Janeiro) para compreender melhor a realidade do refúgio na cidade. O Pares Cáritas RJ é uma organização católica, localizada no bairro do Maracanã, que oferece assistência humanitária inicial aos refugiados que chegam à cidade, como abrigo, alimentação, vestuário e documentação (Pares Cáritas RJ, 2020).

No local, obteve dados importantes sobre a realidade de quem buscava refúgio no Rio de Janeiro e percebeu a complexidade de ser uma mulher refugiada na cidade. Em 2016, a maioria das refugiadas que chegava ao Rio era oriunda do Congo, país africano. Uma das barreiras enfrentadas pelas congolesas era a língua. Desconhecendo o português, tinham dificuldade de integração e de inserção no mercado de trabalho. Outra barreira era o número de filhos, sendo, em média, três por mulher. Porém, uma característica em comum entre essas mulheres era o conhecimento das práticas de costura (Pinheiro, 2020).

O ateliê Mulheres do Sul Global nasce nesse contexto, a partir do encontro de Emanuela Pinheiro com nove mulheres congolesas refugiadas no Rio de Janeiro. Conforme a tradição no continente africano, essas mulheres haviam aprendido a costurar ainda na infância e pretendiam utilizar essa prática como profissão para sua sobrevivência no Brasil. Emanuela acreditava que a máquina de costura geraria trabalho e renda, melhorando, assim, suas perspectivas (Pinheiro, 2020).

Sobre essa tradição do ensino de costura em escolas africanas, a antropóloga Jean Lave (2011) realizou, na década de 1970, uma pesquisa com jovens aprendizes de alfaiates na Libéria, país da região noroeste da África, descrita em seu livro *Apprenticeship in critical ethnographic practice*. Segundo a antropóloga, em 1965, um rico liberiano-americano arrendava espaços comerciais para alfaiates no Beco de Happy Corner, onde ensinava a prática da costura a seus aprendizes. Eram, em média, 20 alfaiates e 250 alunos. A motivação da pesquisadora ao investigar o grupo era compreender como a aritmética era ensinada a partir da prática da costura. Naquele período, a educação informal estava sendo amplamente discutida pela comunidade acadêmica. É importante destacar que o estudo foi realizado em uma escola com crianças e adolescentes do gênero masculino, em uma sociedade com traços machistas que se manifestam ainda hoje.

No período da década de 1970, além do debate entre educação formal e informal, estava em pauta também a discussão sobre a desvalorização das atividades manuais (como o artesanato e a costura) em relação às atividades intelectuais — debate que esteve muito presente na construção das metodologias da área do design. Outro aspecto importante revelado neste contexto foi a cruel divisão econômica entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, na qual os trabalhos manuais, como atividade econômica, eram desvalorizados. Conforme Jean Lave:

Na Libéria da década de 1970, a produção artesanal e sua prática de reprodução estavam certamente sendo moldadas por intrusões capitalistas de curto e longo prazo na economia política do comércio nacional e internacional⁷ (Lave, 2011, p. 32).

A prática, na cultura africana, de ensinar o ofício da costura nas escolas ocorria devido a uma tradição têxtil ancestral da região, na qual a tecelagem manual era praticada nas aldeias. Em cada uma delas havia um alfaiate, responsável por confeccionar roupas a partir das tecelagens locais.

Na década de 1980, a Libéria passou por uma devastadora guerra civil, dez anos após o estudo realizado por Lave. A autora não relata o que aconteceu àquelas crianças investigadas com a guerra civil, mas é possível que elas, assim como as congoleesas integrantes do Mulheres do Sul Global, tenham buscado refúgio em novas pátrias. Levavam consigo quase nada material, mas muita experiência e cultura local, como o ofício da costura.

Após as congoleesas, refugiadas de outras nacionalidades também se integraram ao grupo. Emanuela apresenta uma constatação relevante ao destacar que o fluxo migratório era pré-estabelecido pela nacionalidade e pela raça das refugiadas. Ela descreve um mecanismo de segregação territorial, no qual uma mulher de origem africana assume o patamar de uma mulher negra brasileira e, normalmente, busca moradia nas favelas. Nessas localidades, formam-se “arranjos multifamiliares”, cujas casas são divididas em cômodos, e cada família habita um deles (Pinheiro, 2020). Esse contexto revela uma dura invisibilidade social que vai além das questões de raça e gênero, agravada, ainda, pela condição de refugiada e pelo não domínio da língua local. Corroborando sobre o tema, Gonzalez (2020, p. 35) afirma: “um dos legados concretos da escravidão diz respeito à distribuição geográfica da população negra, isto é, à sua localização periférica em relação às regiões e setores hegemônicos”.

Gonzalez (2020) traz uma contribuição fundamental para a compreensão e integração das pautas do feminismo e do racismo no contexto brasileiro. A autora evidencia a invisibilização das experiências das mulheres negras e a insuficiência de análises que desconsideram as dimensões raciais das desigualdades. Nesse sentido, denuncia o caráter estrutural do racismo no Brasil, evidenciando como esse sistema se manifesta de forma particular na posição social atribuída às mulheres negras.

⁷ Tradução nossa para: “In 1970s Liberia, artisanal production and its reproductive practices were certainly being shaped by short- and long-term capitalist intrusions into the political economy of national and international trade.”

Emanuela explica que as refugiadas de origem latino-americana, com maior familiaridade com a cultura local e que são brancas, apresentam uma posição vantajosa em relação às africanas, conseguindo facilidades nas negociações imobiliárias e alugando apartamentos em bairros periféricos (Pinheiro, 2020).

Em 2017, Emanuela Pinheiro foi contemplada com a primeira colocação no programa *Shell Iniciativa Jovem*, que incentiva jovens empreendedores ao redor do mundo. A quantia recebida com o prêmio impulsionou o negócio por meio da compra de equipamentos e da inauguração do ateliê que, à época, estava localizado na Glória, bairro da região central do Rio de Janeiro. Havia a necessidade de um espaço para o armazenamento do material, bem como para estrutura e equipamentos. Segundo ela, o ateliê representava um *safe space* — um espaço seguro — para o grupo de mulheres que buscavam, além de retorno econômico, acolhimento emocional para enfrentarem todos os problemas inerentes à condição de refugiadas. Uma assistente social foi contratada para auxiliar nesse processo de acolhimento (Pinheiro, 2020).

Ainda em seus países de origem, o sofrimento já se fazia presente: elas passavam por situações muito difíceis, que as faziam tomar a decisão extrema de abandonar suas pátrias em busca de uma vida melhor. A jornada de sobrevivência de lá até o Brasil não era fácil, às vezes, era necessário abandonar familiares ou até mesmo escolher, por exemplo, qual filho seguiria ao seu lado (Pinheiro, 2020).

Por meio do documentário *A mulher em travessia* (2017), buscamos depoimentos de refugiadas integrantes do ateliê, que estabelecem comparações sobre a desigualdade de gênero no Brasil e em seus países de origem, como no relato da venezuelana Maria Elias: “a mulher venezuelana da classe média e baixa depende muito do homem. [...] aqui a mulher tem mais direitos, ela luta pelo que ela quer e consegue o que ela quer”. Benie, que veio do Congo, relata:

Aqui no Brasil é diferente. Se você faz algum mal contra uma mulher, a polícia chega. No Congo não é assim. Lá, o homem pode fazer tudo que quiser. É diferente daqui. A mulher congoleza é uma mulher que ainda não é independente. Ela é sempre dependente. A mulher congoleza, a mulher africana, é uma mulher que sempre se submete a tudo que o marido diz. O marido pode bater na mulher no meio da rua, que as pessoas vão passar e não vão fazer nada [...]. As pessoas vão falar: “isso é problema do casal, não é problema nosso”. Mesmo se você vai ao tribunal, é a mesma coisa, eles vão falar isso. (Depoimento de Benie do Congo, *A mulher em travessia*, 2017).

Para a congoleza Sagrace:

Aqui do Brasil, gostei muito, gostei muitíssimo, porque no Brasil a mulher está trabalhando, o marido está trabalhando e quando o marido volta para casa e chega primeiro, pode cozinhar pode fazer qualquer coisa. No nosso país vê o marido cozinhar, podem falar, a mulher enfeitiçou o marido. É isso, o marido pode falar você está me enfeitiçando. Mas aqui no Brasil é normal, vivemos assim e acho que na Europa também é assim, porque o marido trabalha, a mulher trabalha, quem chegar primeiro, cozinha, faz tudo, lava a roupa, cuida das crianças... É assim, é a vida, eu gostei muito. (Depoimento de Sagrace do Congo, *A mulher em travessia*, 2017).

O machismo estrutural contribui para a atribuição das responsabilidades domésticas e de cuidado às mulheres. Nesse contexto, as práticas manuais tendem a ser socialmente associadas ao feminino, o que resulta em maior disponibilidade de tempo para que os homens se dediquem às atividades intelectuais.

Sobre a divisão de tarefas entre homens e mulheres, Douglas e Isherwood concluem que:

No conjunto dos exemplos etnográficos, é difícil fixar um princípio geral que valha para a divisão do trabalho em todo o mundo, à parte a especialização fisiológica das mulheres na amamentação e cuidados com o bebê. Os homens, às vezes, cozinham, fiam, tecem e manejam a agulha. As mulheres, em geral, não caçam nem vão à guerra, mas às vezes o fazem; raramente sobem em árvores, mas algumas o fazem. A explicação que melhor elucidaria, e que se aplica em toda parte, a divisão do trabalho entre os sexos seria aquela que se baseasse nas periodicidades do trabalho das mulheres, começando pelos serviços físicos recorrentes requeridos pelos bebês, pelos doentes e pelos moribundos. [...], mas se envolve um amplo raio, tal trabalho não pode ser combinado com outro trabalho de frequência compatível num pacote composto de responsabilidades domésticas [...]. Um grande encargo não pode ser atribuído a uma pessoa que poderia precisar estar, em consequência de outras responsabilidades, em dois lugares ao mesmo tempo. Por isso suas frequências diferentes polarizam as tarefas entre as categorias de pessoa mais e menos valorizada. [...], mas continua sendo verdade que o trabalho das mulheres como tal as exclui das tomadas de decisões nas quais informação importante está sendo gerada (Douglas; Isherwood, 2013, p. 174-175).

Saffioti (1976) corrobora esta perspectiva ao evidenciar que a opressão das mulheres está intrinsecamente articulada às relações de produção capitalistas. A autora argumenta que a divisão sexual do trabalho, ao atribuir às mulheres a responsabilidade pelo trabalho doméstico não remunerado e por ocupações precarizadas no mercado, cumpre uma função estratégica para a reprodução do capital, ao reduzir os custos da força de trabalho e manter hierarquias sociais. Nesse sentido, a inserção das mulheres no mercado de trabalho não elimina sua subordinação, mas a reconfigura sob a lógica da dupla jornada e da desvalorização estrutural. Segundo a autora, a posição da mulher na sociedade de classes decorre de sua inserção no sistema produtivo e das formas pelas quais o capitalismo se apropria de seu trabalho.

Pensando nessas questões e buscando acolher as mulheres, o ateliê Mulheres do Sul Global promove encontros multiculturais e capacitações, como o curso de costura ministrado pelas congoleesas para as venezuelanas. Também são oferecidas atividades de acolhimento, como rodas de conversa, nas quais se debatem questões relacionadas à desigualdade de gênero. Apesar dos diferentes idiomas falados, a linguagem do refúgio une essas mulheres (Pinheiro, 2020).

Além do programa *Shell Iniciativa Jovem*, Emanuela recebeu outros prêmios, como o *Desafio de Moda Sustentável do Colabora America*, iniciativa que fortalece novos modelos econômicos na América Latina. Também participou do *Top Ten Innovators*, prêmio promovido pelo *Shell LiveWire* para os dez negócios mais inovadores entre todos os programas da

Shell no mundo. Com essa iniciativa, ela conheceu e compartilhou experiências com empreendedores de diferentes países. Ao ampliar sua visão empreendedora, percebeu que seria importante apostar em um nicho de mercado. Era preciso definir o que produzir e para qual público.

A primeira linha de produtos desenvolvida pelo ateliê foi direcionada ao mercado gastronômico do Rio de Janeiro. Foi confeccionado um mostruário e buscaram empresas do setor. Paralelamente, começaram a desenvolver brindes personalizados para clientes corporativos. Entre os primeiros clientes estavam uma empresa de educação em gastronomia e a própria Shell. Emanuela relata que a prospecção ocorre por meio do “boca a boca”, e que os produtos são criados por ela em colaboração com as costureiras e os clientes (Pinheiro, 2020).

Como explicado anteriormente, nossa aproximação com o ateliê Mulheres do Sul Global partiu da motivação de buscar iniciativas relacionadas a atividades de artesanato e costura com engajamento social, investigando possibilidades de produção de artigos de moda desvinculados do modelo vigente.

Entretanto, Emanuela descreve a desconexão entre marcas locais de varejo de moda e o ateliê, além de fazer uma crítica ao setor. Segundo ela, as empresas que as procuravam tinham interesse midiático, o que nomeou de “refugiadas espetáculo”. Mais do que uma exposição “glamorosa”, as refugiadas buscavam a constância de trabalho como forma de geração de renda. A conexão com empresas do varejo de moda local ocorria, apenas, por meio de doações de tecidos. Emanuela fazia um “garimpo” desses tecidos que, após a higienização, transformavam-se em matéria-prima. Ela relata que nunca chegaram a finalizar um pedido para empresas de moda, que, segundo ela, desvalorizam o trabalho das costureiras a fim de aumentar suas margens de lucro. Conclui, ainda, que as marcas de moda estão muito desconectadas do real valor do trabalho da costura: exigem alta qualidade, mas não querem pagar o que as costureiras merecem (Pinheiro, 2020).

O ateliê configura-se como uma empresa de impacto social e não funciona como cooperativa. Desenvolvem trabalhos de costura, porém, em projetos de naturezas diferentes, atendendo também a diferentes perfis de clientes — muitos dos quais privilegiam a causa associada à produção e não questionam os preços. Não há um modelo fixo de remuneração ou de configuração do trabalho, que varia conforme a natureza dos projetos e as demandas do ateliê. Também vale mencionar que nem todas as mulheres atuam no espaço do ateliê: algumas preferem realizar o trabalho em suas casas. Para elas, essa flexibilidade é importante para conciliar com as atividades domésticas, como cuidar dos filhos, pois não possuem uma rede familiar para ajudá-las. Esse movimento intencionou-se, principalmente, por conta da pandemia.

Emanuela descreve ainda que a rotatividade é causada pelo fluxo migratório do refúgio. Algumas deixam o Rio de Janeiro em busca de cidades com menor custo de vida, enquanto, para outras, a cidade representa apenas uma etapa de passagem antes de buscarem refúgio em países economicamente mais desenvolvidos, como os Estados Unidos (Pinheiro, 2020).

Ela relata que o número de refugiadas que buscam o ateliê tem aumentado. Por meio do ofício da costura, além de prosperar, buscam uma rede de acolhimento e compartilhamento (Pinheiro, 2020). Como destaca Lima (2017), “o sonho dessas mulheres, que tinham a costura como uma veia cultural, era ter uma máquina de costura para que pudessem exercer a profissão e não terem que trabalhar como faxineiras, que era a função mais oferecida por aqui”.

Infelizmente, nem todas as refugiadas encontram projetos acolhedores como esse. Existem, no Brasil, tristes exemplos de refugiadas exploradas, como o caso de bolivianas encontradas em situação análoga à escravidão em confecções de roupas nos bairros do Brás e do Bom Retiro, na cidade de São Paulo (G1, 2026). Apesar de Emanuela relatar que o ateliê não tem conexão com empresas de varejo do setor da moda, acreditamos que essa conexão acontece de forma indireta. A iniciativa empodera e valoriza costureiras e, a costura, ou confecção têxtil representa a principal atividade do setor. Não existe roupa sem costura.

Dentro de um sistema capitalista que prioriza o crescimento econômico e explora trabalhadores, a atividade da costura continuará a ser intensiva em força de trabalho por muito tempo. Assim, enquanto houver costura, haverá costureira. O retorno financeiro proporcionado por projetos como esse contribui para o aumento da renda familiar dessas mulheres, gerando impacto positivo em relação a vários aspectos de suas vidas, inclusive em seus relacionamentos com os parceiros.

Embora a prática da costura não tenha passado por grandes mudanças, a profissão de costureira tem sido profundamente reconfigurada no contexto da expansão do capitalismo contemporâneo. Se antes o trabalho era mais autônomo e artesanal, hoje a maioria das costureiras trabalham em sistemas produtivos fragmentados, caracterizados pela terceirização e pela informalidade — sendo, nesse contexto, mais adequadamente chamadas de operárias. Iniciativas como essa, em que ocorre uma produção em menor escala, resgatam a configuração de autonomia da profissão, quando a costureira participa mais amplamente do processo de confecção, não assumindo apenas uma posição de operadora. Ocorre, então, a valorização da profissão.

Em um modelo de produção em massa, inserido na lógica do sistema capitalista, as pessoas que participam da produção – neste caso, as costureiras –, são invisibilizadas. Esse processo causa uma desvalorização simbólica e econômica do trabalho da costura, historicamente feminizado, que passa a ser tratado como um trabalho pouco qualificado.

No presente artigo, conceituamos a moda, resumidamente, como o ato de vestir associado à mudança e ao novo, conectando-se ainda à expressão individual. Tendo a costura como atividade primordial, a moda se relaciona diretamente ao gênero feminino que predomina na atividade, como já indicado anteriormente. Contudo, não é apenas por esse motivo que a moda, na maioria das vezes, é vinculada a um fenômeno feminino. Segundo Miller:

O problema de se ver o vestuário como a superfície que representa ou deixa de representar o cerne interior do verdadeiro ser é que tendemos a considerar superficiais as pessoas que levam a roupa a sério. Antes do feminismo, caricaturas de jornal tinham poucos escrúpulos em mostrar que as mulheres eram superficiais, retratando meramente seu desejo de comprar sapatos e vestidos (Miller, 2013, p. 23).

Christo (2016, p. 29) complementa que a moda:

[...] já foi considerado [a] como um movimento pertencente ao mundo feminino, exclusivo do gênero, cujos interesses pareciam girar em torno das transformações fantasiosas, que garantiam a diferenciação e a aproximação com a noção do novo, ou melhor, disso que arbitramos chamar de novo. Dessa forma a moda já foi considerada um fenômeno essencialmente feminino, porém, hoje, parece estar vinculado a qualquer gênero ou idade. O vestuário de homens e mulheres, crianças, jovens, adultos ou idosos, é, maiormente, determinado pelas normas de produção industrial e, com isso, resultado de uma demanda concreta (Christo, 2016, p. 29).

Sob a perspectiva da história do design, a diferenciação de gênero foi, em alguns períodos, utilizada como ferramenta de marketing. Forty (2008) demonstra que, no século XIX, havia uma tendência à diferenciação no design, com a separação clara entre produtos femininos e masculinos, movimento impulsionado pela produção industrial do sistema capitalista. Esse movimento começa a decrescer a partir do século XX e com mais intensidade a partir deste século. Uma das causas da desaceleração da variedade dos modelos é a conscientização do consumo pela sociedade, como reflexo de um novo conceito de ecologia que crescia em todo o mundo.

Klein (2002) ressalta que o feminismo representou o movimento mais anticonsumista em comparação aos outros movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970. As mulheres que lideravam o movimento censuravam a necessidade de comprar e usar determinados produtos, como a maquiagem. Gonzalez (2020) colabora trazendo para o debate do feminismo uma importante abordagem racial ignorada por alguns autores, criticando o feminismo hegemônico, marcado por uma perspectiva branca e de classe média. A autora propõe um feminismo crítico ao eurocentrismo e comprometido com uma transformação social mais ampla. Para ela, as opressões são atravessadas por raça e classe, exigindo uma abordagem feminista plural e decolonial.

Além do consumismo, Klein (2002) destaca outra abordagem do movimento importante para o setor da moda. Segundo a autora, ainda no início do movimento feminista, algumas mulheres já alertavam para o problema da exploração das trabalhadoras nas fábricas de vestuário, mas, naquele momento, essas reivindicações pareciam ainda fora de compasso. Klein relata que, nas confecções de roupas onde ocorrem os casos de exploração de operários, além da preferência pelo gênero feminino, os empregadores dão prioridade às mais jovens, que são mais ingênuas e inseguras. Essas trabalhadoras são, geralmente, demitidas por volta dos 25 anos, diminuindo o número de mães na folha de pagamento. De acordo com Klein:

Embora houvesse um componente de feminismo de segunda onda que buscava forjar conexões políticas com as mulheres nos países em desenvolvimento, a luta por internacionalismo nunca tomou o movimento como fizeram a igualdade de remuneração, a representação na mídia e o direito ao aborto. De certo modo, o grito de guerra dos anos 70, “o pessoal é político”, parecia mais relacionado com a questão de como a moda fazia as mulheres se sentirem sobre si mesmas do que com os mecanismos globais de como a indústria da moda faz outras mulheres trabalharem (Klein, 2002, p. 384).

A partir da década de 1980, a preocupação com a grande quantidade de etiquetas “*Made in Hong Kong*” e “*Made in China*” desperta o interesse de mulheres intelectuais que desejavam entender a complexidade da economia global, questionando quem tecia e costurava nossas roupas. Nesse momento, contudo, estes questionamentos ainda não surtiam efeito. Com o passar das décadas, essas vozes começaram a ecoar e o movimento foi vagarosamente se intensificando (Klein, 2002). Miller conclui:

Na frente política, o problema muito maior e mais significativo do feminismo sem dúvida é que, até agora, ele não foi bem-sucedido o bastante [...]. Estou muito frustrado com o retrocesso daquilo que tomei como progresso irreversível rumo à igualdade (Miller, 2013, p. 60).

Uma pesquisa realizada pela Oxfam, em 2020, demonstra que, além do aumento acelerado das desigualdades sociais no mundo, as mulheres são ainda mais afetadas: os trabalhos mal remunerados são, em sua maioria, ocupados por elas, e “os 22 homens mais ricos do mundo têm uma riqueza superior à de todas as mulheres da África (mais de 650 milhões de mulheres)”. Além disso, são elas as primeiras a sentirem os efeitos de uma crise, devido à precarização de seus trabalhos, além da violência. Mais de 90 mil mulheres por ano são vítimas de feminicídio (Bugni, 2020).

Governos autoritários, conservadores e com democracias frágeis trouxeram uma regressão a alguns direitos das mulheres que estavam sendo conquistados, principalmente, em países da Ásia, África e América do Sul. No Brasil, os índices de violência contra as mulheres vêm aumentando. No primeiro semestre de 2019, por exemplo, os casos de feminicídio no estado de São Paulo aumentaram 44% em relação ao ano anterior, enquanto o investimento em políticas públicas de enfrentamento à violência contra as mulheres caiu de R\$ 119 milhões, em 2015, para R\$ 5,3 milhões, em 2019 (Bugni, 2020).

Esse cenário de opressão às mulheres leva muitas delas a se posicionarem e se manifestarem. A questão da exploração das trabalhadoras das fábricas de vestuário nessas regiões mais afetadas por esse retrocesso de seus direitos, que foram defendidos ainda no início do movimento feminista, como mostrou Klein (2002), torna-se, nesse momento, uma prioridade na pauta. A partir disso, a luta não é apenas fortalecida pelas mulheres do norte global, ela toma a abrangência internacional defendida no início por poucas intelectuais. Se, nas décadas de 1970 e 1980, a ascensão das mulheres na academia trazia uma força fundamental ao movimento com a divulgação de suas ideias em um período no qual a academia era prioritariamente masculina, atualmente, as representantes políticas fortalecem e ecoam as vozes dessas mulheres reprimidas pela sociedade.

Como observamos nos relatos das refugiadas integrantes do ateliê Mulheres do Sul Global, o respeito que encontraram como mulheres aqui no Brasil é um dos principais motivos de satisfação. Não apenas a situação financeira motiva essas mulheres a procurarem novos países como lar: uma das principais causas é a fuga de relacionamentos abusivos e violências domésticas.

Buscando definições para o termo *costureira*, encontramos: substantivo feminino, frequentemente associado ao sinônimo *modista*, enquanto *costureiro* designa aquele ou aquela

que se dedica à confecção de vestuário. Já o termo *alfaiate*, classificado como substantivo masculino sem forma feminina própria, exige a adaptação do artigo (“a alfaiate”) para se referir a mulheres, sendo, no entanto, uma ocupação pouco atribuída ao gênero feminino. Tradicionalmente, o alfaiate é definido como o profissional que confecciona roupas sob medida, sobretudo masculinas, de maneira artesanal. A principal distinção entre as duas profissões reside no tipo de peça produzida: embora tanto costureiras quanto alfaiates possam realizar trabalhos sob medida, o alfaiate se especializa na produção de peças de alfaiataria. Ainda que seja possível encontrar mulheres atuando como alfaiates, essa presença permanece menos comum. A maior valorização social do alfaiate em comparação à costureira, somada à ausência de uma forma feminina consolidada para o termo, evidencia e reforça desigualdades de gênero no setor, mesmo considerando que homens também possam atuar, ainda que em menor número, em atividades tradicionalmente associadas à costura e ao artesanato.

Observamos homens atuando como costureiros, principalmente com materiais e equipamentos mais pesados, como na produção de jeans. Essa presença é percebida no filme *Estou me guardando para quando o carnaval chegar* (2019), do diretor Marcelo Gomes, que descreve a produção em massa de jeans na cidade de Toritama, localizada no polo de confecções do agreste pernambucano.

No entanto, não é apenas a produção em larga escala e mais pesada — como o jeans — que absorve a força de trabalho masculina. Observamos também homens atuando em atividades mais artesanais, como o tricô e o crochê, ressignificando, dessa forma, paradigmas tradicionais de masculinidade historicamente construídos. A apropriação dessas atividades por homens pode produzir deslocamentos simbólicos relevantes, contribuindo para a ampliação das possibilidades de expressão da masculinidade, ao mesmo tempo em que expõe as contradições de um sistema que hierarquiza práticas a partir de marcadores de gênero.

Um exemplo é a Doisélles, marca que atua na produção de peças em tricô e crochê destinadas aos mercados nacional e internacional, cuja confecção é realizada por detentos da Penitenciária Professor Ariosvaldo de Campos Pires, em Minas Gerais. Idealizada pela designer Raquel Guimarães, a marca teve início com uma produção restrita ao trabalho da própria criadora e de sua mãe. Com a ampliação da demanda, emergiu a necessidade de expandir a produção, o que motivou a criação do projeto Flor de Lótus, implementado em um presídio de segurança máxima, onde cerca de quarenta homens foram capacitados nessas técnicas (Cruz, 2022)⁸.

A partir do caso analisado neste artigo, fica clara a contribuição de projetos dessa natureza para a emancipação feminina e as políticas de gênero.

Considerações Finais

Incentivadas pela análise do ateliê Mulheres do Sul Global, buscamos refletir sobre as relações entre trabalho e gênero na prática da costura, aprofundando a partir da contribuição de alguns autores que abordam temas como igualdade de gênero, divisão sexual do trabalho, racismo, valorização de trabalhos manuais e refúgio.

⁸ Além da Doisélles existem outros exemplos de projetos que capacitam homens do sistema prisional na prática do tricô e crochê como o projeto Ponto Firme, que já desfilou no São Paulo Fashion Week.

Iniciativas como a analisada, bem como a exposição e análise do tema — como a realizada neste artigo —, dão visibilidade ao problema da desvalorização do trabalho feminino, aqui representado pelas costureiras. Outra contribuição para o setor da moda refere-se ao empoderamento destas mulheres, considerando que a costura constitui a principal atividade do setor.

A partir da análise do caso, compreendemos que costurar pode ser um ato colaborativo, responsável, ético, político e, acima de tudo, transformador. A máquina de costura gera trabalho e renda para as refugiadas. Para muitas delas, o ofício da costura configura-se como uma prática cultural aprendida ainda na escola em suas pátrias.

Acompanhamos o projeto durante o período crítico da pandemia da Covid-19, o que nos trouxe interessantes reflexões e conclusões. O ateliê suspendeu as atividades por apenas duas semanas. Após esse período, elas entenderam que não podiam parar e começaram a produzir máscaras de proteção para sobreviverem. Emanuela compreendeu que, embora a lei migratória do Brasil seja boa comparada à de outros países, são poucas as políticas públicas que incrementam a integração econômica e social dessas pessoas, e a pandemia escancarou ainda mais esse cenário.

Quando pensamos em modelo de produção, considerando que a motivação inicial era conhecer práticas com engajamento social, percebemos que a pandemia trouxe conscientização da importância da valorização da produção local. Sob esta perspectiva, Freire (2020) estabelece uma relevante analogia entre a disseminação do vírus e os fluxos mercadológicos de um mundo globalizado. A autora observa ser curioso que a pandemia tenha se iniciado em uma cidade produtora de artigos de moda e que tenha se disseminado rapidamente por países reconhecidos por seus sistemas de moda, acompanhando o fluxo das mercadorias da China para o restante do mundo.

A autora destaca ainda que, com a paralisação da produção chinesa, diversos países precisaram reinventar seus modos de produção, o que se evidenciou na adaptação de fábricas — como aquelas originalmente voltadas à produção de bebidas, que passaram a fabricar insumos de higiene, como o álcool 70% — e de indústrias de confecção, que passaram a produzir máscaras e aventais destinados à proteção de profissionais de saúde e da população. Nesse contexto, a proteção da vida passou a ser prioridade.

A pandemia nos fez refletir sobre a moda como expressão cultural que vai além de uma indústria de vestuário. Nessa expressão cultural que ela representa, buscamos elementos necessários para uma renovação e ressignificação, ou seja, uma inovação cultural que nos mostre caminhos para práticas mais sustentáveis e uma sociedade mais justa (Freire, 2020).

A violência e os abusos domésticos foram umas das causas do refúgio das costureiras integrantes do projeto. A desigualdade de gênero é uma questão global, embora sua intensidade varie de uma região para outra. Miller (2013) aponta que os avanços do impacto do feminismo ficam mais claros em países mais desenvolvidos.

A desigualdade social e de gênero no mercado de trabalho, uma realidade em nossa sociedade, foi intensificada no cenário pandêmico. Durante esse período, as mulheres foram as que mais perderam seus empregos, além de muitas vivenciarem também o aumento da violência doméstica.

Freire (2020) defende que a pandemia trouxe respostas de identificação cultural necessária com a lente focada no gênero que poderá revolucionar a indústria da moda. Segundo a autora, as ações de governantes mulheres foram fundamentais no combate à pandemia, protegendo a população em detrimento da economia. Nesse sentido, ela acredita em uma posição de liderança fundamental que as mulheres podem assumir não apenas em negócios de moda, mas em todos os setores.

Ainda que preserve sua natureza como negócio de impacto social, voltado ao empoderamento de mulheres refugiadas no Rio de Janeiro, a iniciativa tem passado por transformações, adaptando-se às mudanças contextuais. Um exemplo foi a confecção de máscaras faciais durante a pandemia. Atualmente, o ateliê mudou-se para o município de Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro, e passou a operar com dois CNPJs: o primeiro com atividade principal de comércio e, o segundo, como Instituto Mulheres do Sul Global, com atuação voltada às finalidades social, educacional e cultural. Após essa ampliação, o termo *ateliê*, utilizado ao longo deste artigo, tem sido substituído por *fábrica-escola*.

Por meio da valorização do trabalho de refugiadas na costura, o empreendimento tem realizado muitas ações, como o Sustenta Carnaval, idealizado por Mariana Pinho, que promove a ressignificação de materiais que seriam descartados após os desfiles de carnaval.

Para Emanuela, o projeto Mulheres do Sul Global é apenas uma pequena ajuda na enorme complexidade que é a questão dos refugiados no Brasil. Segundo seu relato, na última vez que teve acesso aos dados, havia mais de 180 mil pedidos de refúgio venezuelano. Ela acrescenta, ainda, que o trabalho das Mulheres do Sul Global está bem distante da prática filantrópica e da importância de pessoas e empresas compreenderem suas responsabilidades na construção de um mundo melhor. E conclui afirmando:

[...] no final das contas eu posso entender que meu impacto não aconteceu, mas ele acontece. A gente consegue fazer com que aquelas pessoas acessem renda de uma maneira muito primitiva, na verdade existem muitas outras pessoas que podem ser alcançadas com propostas como essa (Pinheiro, 2020).

Referências

A MULHER EM TRAVESSIA. Direção de Emanuela Pinheiro, Luciana Salvatore, Mariana Abbate e Raquel Monteiro. Brasil, 2017. 16 min. Disponível em: <https://vimeo.com/252955570>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BERLIM, Lilyan. **Moda e sustentabilidade:** uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2015.

BUGNI, Renata Porto. As vozes das mulheres em luta do sul global. **Brasil de Fato**. 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/18/as-vozes-das-mulheres-em-luta-no-sul-global>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CAMARGO, Cariane Weydmann. **Ativismo em design**: sistematização e proposições de estratégias projetuais para estimular o processo de transição cultural e social rumo à moda sustentável. 2019. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

CÁRITAS RJ. Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio. Disponível em: <http://www.caritas-rj.org.br/>. Acesso em: 19 out. 2020.

CHRISTO, Deborah Chagas. **Estrutura e funcionamento do campo de produção de objetos do vestuário no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

CRUZ, Bárbara de Oliveira e. **O design socialmente responsável e a busca de possíveis caminhos para a produção de artigos de moda**. Tese (Doutorado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

ESTOU me guardando para quando o carnaval chegar. Direção: Marcelo Gomes. Brasil: Netflix, 2019. 85 min.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FREIRE, Karine de Mello. Lições da pandemia covid-19: inovação cultural na cadeia da moda. **Fórum Fashion Revolution**, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KLEIN, Naomi. **Sem logo**: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAVE, Jean. **Apprenticeship in critical ethnographic practice**. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

LIGHT OF BUDDHADHARMA FOUNDATION INTERNACIONAL. Disponível em: <http://lbdfi.org/>. Acesso em: 19 out. 2020.

LIMA, Juliana. Mulheres do Sul Global constrói narrativa de empoderamento a partir da costura. **Modifica**, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/mulheres-do-sul-global-empoderamento-feminino/#.X5AZ4dBKjIU>. Acesso em: 20 out. 2020.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PINHEIRO, Emanuela. Entrevista concedida a Bárbara de Oliveira e Cruz. Rio de Janeiro, 19 ago. 2020.

REDAÇÃO G1 SP. MPT resgata oito trabalhadores bolivianos em condições análogas à escravidão no Brás, Centro de SP. **G1**. 12 mar. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2026/03/12/mpt-resgata-oito-trabalhadores-bolivianos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-no-bras-centro-de-sp.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Parte I: Mulher e capitalismo. *In.*: SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 1ª ed, 9ª reimpressão. São Paulo: Expressão Popular, 2013 [1969]. p. 53-196.

Agradecimentos

Este estudo foi financiado pela FAPERJ – Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI E-26/200.049/2025.

Revisor do texto: José Bragança. E-mail: braganca.comunicacao@outlook.com.